

EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA

Sementes do Evangelho no coração de um missionário seminarista na Amazônia

Carlos Daniel de Souza Martins



Durante a síntese vocacional, ao ser enviado pela Diocese de Colatina para uma experiência missionária na Diocese de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, eu não sabia exatamente o que encontraria. Já havia passado por Manaus e Itacoatiara durante a Primeira Experiência Vocacional-Missionária Nacional de Seminaristas “Pés a Caminho”, em 2023. Ainda assim, trazia comigo a clara consciência de que, desta vez, o contexto seria outro, mais profundo, mais exigente, mais real. Como reconhecemos ao final daquele encontro: “A realidade da região amazônica é mais complexa, rica e plural do que imaginávamos”.

A Diocese de São Gabriel da Cachoeira, no coração da Amazônia, impõe-se por sua imensa extensão territorial, com aproximadamente 280 mil km². É a maior diocese das Américas, com uma área superior à do estado de São Paulo e cerca de 22 vezes maior que a Diocese de Colatina (ES), minha diocese de origem. Banhada pelo Rio Negro, cercada pela floresta e por uma biodiversidade exuberante, São Gabriel apresenta um cenário de rara beleza e grandeza. No entanto, é sobretudo sua riqueza humana, cultural e espiritual que mais impressiona. Ali convivem 23 povos originários, com aproximadamente 18 línguas indígenas, é a diocese mais indígena do mundo.



Esse contexto geográfico e humano desafia qualquer olhar simplificador e exige mais do que uma simples organização civil e pastoral. Os desafios logísticos são grandes em todas as áreas, desde os serviços públicos, como educação, saúde, energia, comunicação e transporte, até a própria vida eclesial, que envolve encontros de formação, visitas pastorais, a presença dos ministros ordenados nas pequenas comunidades e a celebração dos sacramentos. Foi nesse contexto que a missão começou, de fato, a me transformar. Sempre fui apaixonado pela missão. Ainda jovem, participei da Infância e Adolescência Missionária e das diversas atividades missionárias em minha paróquia. Já no seminário, desde o primeiro ano, busquei me envolver mais diretamente, integrando o Conselho Missionário de Seminaristas.

Com o tempo, porém, fui percebendo que essa paixão precisava amadurecer. Em São Gabriel da Cachoeira, ela deixou de ser apenas entusiasmo e desejo, tornando-se experiência concreta. Hoje, ousou dizer que essa paixão se transformou em amor, um amor mais real, mais exigente e menos idealizado. Nesse sentido, as palavras do Papa Francisco se reforçam: a missão nasce de uma profunda paixão por Jesus e pelo seu povo (EG 268). Passei quase um ano na Igreja do Rio Negro, do início de janeiro ao final de novembro de 2025. Vivi muitas experiências, algumas delas marcantes, que poderiam ser narradas longamente. No entanto, gostaria de destacar algumas situações que contribuíram de modo particular para moldar minha vocação.

Durante a experiência missionária em São Gabriel da Cachoeira, fui profundamente edificado pelo testemunho daqueles que se dedicam à missão naquela região. Era comum ouvir relatos sobre a presença histórica dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora, que tanto contribuíram para a evangelização e a promoção humana ao longo do Rio Negro. A eles se atribui o cultivo inicial da fé em muitas comunidades, bem como a construção de escolas e a colaboração nos cuidados com a saúde dos povos indígenas.

Dando continuidade ao trabalho desses incansáveis e destemidos missionários, a Diocese de São Gabriel da Cachoeira conta hoje com um pequeno, mas expressivo grupo de evangelizadores. À frente está o bispo, Dom Raimundo Vanthuy Neto, homem simples e profundamente humilde, cuja vida revela a confiança de quem se sabe amado por Deus. Somam-se a ele os padres autóctones e os missionários fidei donum, que, com generosidade, sustentam a presença da Igreja em meio às comunidades. A vida religiosa também se faz fortemente presente, com diversas congregações e casas espalhadas ao longo do Rio Negro, testemunhando, de diferentes modos, a radicalidade do seguimento de Cristo naquela realidade.

Em meio às distâncias, às limitações e aos desafios próprios da realidade amazônica, todos se dedicam com generosidade e amor. São, de fato, sinais concretos da presença de Deus no meio do povo. Por isso, aprendi a admirar ainda mais os homens e as mulheres que se fazem pobres voluntariamente, não por motivações estéticas ou ideológicas, como se buscassem aparentar humildade ou responder a uma tendência, mas por uma pobreza autêntica, escolhida por amor ao Reino de Deus e aos seus pequeninos.

Entre as experiências mais marcantes, destaco o encontro com as crianças indígenas. Na Igreja do Rio Negro, herdeira do carisma de Dom Bosco, os Oratórios Festivos ocupam um

lugar especial, como espaços simples de encontro, alegria e evangelização. Em diversas comunidades, tive a oportunidade de participar desses momentos ao lado de padres e religiosas. Recordo, de modo particular, uma visita à comunidade de Nova Fundação, entre o povo Hupda, na região de Pari-Cachoeira. Ali, o primeiro desafio foi a comunicação: as crianças não compreendiam o português, e nossas tentativas iniciais de interação pareciam não alcançar seu mundo.

A aproximação aconteceu de forma simples e progressiva. Um gesto, um olhar, um toque. Logo, estávamos brincando juntos, correndo, cantando e rindo. Percebi então que não eram as palavras que conduziam aquele encontro, mas os gestos, as expressões e a alegria partilhada. Essa experiência me levou a compreender, de forma muito concreta, que o anúncio do Evangelho começa pelo testemunho. Antes de ser proclamado, ele precisa ser vivido. A linguagem da proximidade, da ternura e da alegria revela-se universal, capaz de ultrapassar barreiras culturais e linguísticas. Nesse sentido, ecoam com força as palavras de São Francisco de Assis, que exorta a anunciar o Evangelho com a própria vida, e o chamado do Papa Francisco a uma evangelização marcada pela alegria. Como ele recordou na Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, “a alegria é missionária”.

A celebração da Semana Santa foi outro momento de profunda graça. Tudo era simples e despojado, sem grandes recursos, mas carregado de uma intensidade espiritual marcante. Foi ali que experimentei, de modo muito concreto, a presença do Ressuscitado no meio da comunidade. Na verdade, tive a impressão de tocar algo da experiência das primeiras comunidades cristãs. A fé era vivida na simplicidade, na partilha e na comunhão. As refeições, do café da manhã ao jantar, eram feitas em comum, marcadas por um clima de fraternidade que transformava o cotidiano em espaço de graça. Cada família trazia o pouco que tinha para partilhar.

Durante aqueles dias, toda a comunidade se organizava em torno das celebrações do Mistério Pascal. Não havia pressa nem dispersão. O tempo parecia desacelerar, permitindo que todos se concentrassem no essencial: caminhar com Cristo, participar de sua paixão e esperar, com fé, a luz da ressurreição. Às margens do rio, naquela comunidade pequena e distante dos grandes centros, a Igreja se revelava viva, próxima e concreta. Ali compreendi que Jesus permanece vivo no meio do seu povo, sobretudo onde a comunhão é concreta, o amor se traduz em gestos e a esperança resiste, mesmo nas dificuldades da vida.

No contexto do Ano Jubilar, tive a graça de visitar diversas comunidades ao lado de Dom Vanthuy. Ao longo do caminho, em horas de viagem pelos rios, fizemos companhia um ao outro, partilhando a missão e a vida. Entre os gestos mais marcantes desse tempo, destacava-se a solene elevação da Santa Cruz, que se tornava, em cada comunidade, um momento profundamente significativo.

As comunidades e as famílias preparavam suas cruzes. Algumas grandes e imponentes, feitas de madeira de lei; outras, pequenas e frágeis, marcadas pela simplicidade. Em cada uma delas, porém, reconhecíamos o mesmo sinal de fé: a cruz como expressão de esperança e proteção, sustentando a vida concreta daqueles povos. Percorrer os rios, chegar às comunidades mais distantes e, junto com o povo, erguer a cruz foi uma experiência que me marcou profundamente. Em cada lugar, ela recordava que Cristo continua presente e atu-



ante, mesmo nas realidades mais desafiadoras. Tornava-se sinal visível de uma Igreja que caminha, que visita, que permanece junto do seu povo e que anuncia, com simplicidade, a esperança que não decepciona.

Na comunidade onde vivi a Semana Santa, recebi de um dos fiéis uma cruz de pau-brasil, que trouxe comigo como sinal daquela experiência. Durante os dias em que ali permaneci, esse mesmo senhor deixou sua casa e armou sua rede próxima à minha, no centro comunitário, para me fazer companhia e evitar que eu dormisse sozinho. Naquele gesto simples, reconheci uma forma concreta de caridade, na qual a fé se traduz em cuidado e proximidade. A missão entre os povos do Rio Negro provocou em mim uma profunda transformação interior. Foi necessário ressignificar minha relação com o tempo, aprender a paciência, rever a rotina, adaptar a linguagem e, sobretudo, confrontar compreensões preestabelecidas, inclusive preconceitos que muitas vezes permanecem ocultos.

Aos poucos, fui percebendo que a missão não é, como ainda se pensa, um movimento de quem vai “levar” algo ou “salvar” alguém. A experiência me conduziu a uma compreensão mais profunda e exigente: Deus quer me salvar através da missão. É no serviço aos pobres e aos pequenos, naquilo que ofereço para além da obrigação, na acolhida sincera e na presença desinteressada que o Senhor vai realizando a sua obra em mim. Compreendi, assim, que Deus me salva enquanto me chama a participar da salvação dos outros.

Nesse caminho, também aprendi que a missão não consiste em oferecer riquezas ou distribuir recursos, ainda que isso seja necessário, mas em partilhar o pouco que temos e, sobretudo, aquilo que somos. É nesse despojamento que o coração se alarga e se torna mais disponível ao outro. Creio que aí se encontra o fundamento mais profundo da missão: o amor da Trindade, que transborda e se comunica, convidando também o nosso coração, criado à sua imagem, a sair de si e a se oferecer em amor. Depois de São Gabriel da Cachoeira, a vida não foi mais a mesma. Algo do Rio Negro permanece em mim, como um apelo silencioso que continua a me conduzir. Rever as fotos ou recordar aqueles dias é permitir que o coração seja novamente tocado por tudo que vivi.

